

## Margens de leitura e escrita

Reading and writing margins

Silas Borges Monteiro<sup>i</sup>

Universidade Federal de Mato Grosso

### Resumo

O gesto de ler-escrever é tomado aqui como objeto e problema. É analisado pelos conjuntos conceituais: 1) a arqui-escritura deste duplo ler-escrever encontra no termo *escreitura* sua melhor operação: aqui, apresentado e experimentado; 2) com a noção de margens, o gesto de ler-escrever é mostrado em sua estruturalidade - uma estrutura sem centro, sem origem, disponível à disseminação de sentidos -, complementaridade - como o remetimento de um signo ao outro, como crítica à noção de complementação de sentido, contra a ideia de uma identidade textual - e iterabilidade - pois um texto é sempre o nascimento do novo, assim como sua leitura, fazendo com que a *escreitura* seja esse gesto de criação, que se dá sempre pela segunda vez -; 3) os indecíveis são entendidos como operadores que respondem às questões próprias do espaço, onde o ler-escrever se movimentam, argumentando que a lógica da complementaridade atua aditivamente e não por exclusão.

**Palavras-chave:** ler-escrever, *escreitura*, Derrida, desconstrução, filosofia da diferença.

### Abstract

*The reading-writing gesture is taken here as object and question. It is analyzed through the following conceptual sets: 1) the archi-writing of this double reading-writing finds in the term writreading its best operation: hereby presented and experienced; 2) with the notion of margins, the reading-writing gesture is shown in its structurality a structure without a center, without origin, favorable to the dissemination of meanings, supplementarity - as the referral of a sign to another, as criticism to the notion of meaning complementation, against the idea of a textual identity and iterability because a text is always the birth of the new, as well as its reading, making the writreading be this act of creation, which always happens by the second time -; 3) the undecidables are understood as operators that answer the questions of space, where the read-write move, arguing that the logic of supplementarity responds additionality and not by subtraction.*

**Keywords:** reading-writing, writreading, Derrida, deconstruction, philosophy of difference.

### 1. Arqui-escritura: composições de *escreituras*

- A morte não difere da vida.
- Então, por que não morres?

- Porque não faz diferença.
- E qual é a coisa mais difícil?
- Conhecer-se a si mesmo.

Este diálogo escrito por Diôgenes Laértios de alguém que indagava Tales sobre as questões da existência, acaba por oferecer uma espécie - ao menos aos olhos desse historiador da filosofia - da aproximação da sabedoria da filosofia com a máxima de Delfos inscrita no Templo de Apolo: conhece-te a ti mesmo. Esse movimento que retorna para si mesmo os gestos do pensamento, parece típico da experiência grega, típico da filosofia.

Assim escreveu Rilke em *Cartas a um jovem poeta*: "Volte-se para si mesmo. Investigue o motivo que o impele a escrever; comprove se ele estende as raízes até o ponto mais profundo do seu coração, confesse a si mesmo se o senhor morreria caso fosse proibido de escrever". Morreria, por não escrever? Viveria para escrever? Não faz diferença!

Esse ponto de vida-morte em que se instala a escritura, permitam-me chamá-la de escritura primeira, para roubar um termo de Jacques Derrida. Não desconheço os riscos deste termo; filosofia primeira, como filosofia do *ser* ou, como diziam os medievais, a metafísica, dá ao termo uma espécie de escritura metafísica, ou um tipo de essência da escritura. Em Derrida, o grego *arkhê* diz de uma hipótese de leitura performativa, inscrita no jogo dos indecíveis, ou seja, "uma coisa sempre se relaciona afirmativamente com seu contrário". "A morte não difere da vida" (NASCIMENTO, 2004, s/p). É morte e é vida.

Esse ponto de vida-morte, com respeito ao texto, é escrita-leitura. Como Derrida afirma: "Escrever é saber que aquilo que ainda não está produzido na letra não tem outra residência" (DERRIDA, 2009, p. 13). Ora, cabe, aqui, muito bem o termo "escreitura" (CORAZZA, 2008).

A partir das indicações de Corazza, tomamos a escreitura como texto que reivindica uma postura multivalente do leitor, estabelecida na coautoria entre quem lê e quem escreve simultaneamente, em lugarizações diversas. Assim, a ideia da escrita como um processo de escreitura, remetido a uma escrita-pela-leitura ou uma leitura-pela-escrita, propõe um texto aberto às interferências do leitor e, portanto, escrevível ou traduzível de variadas formas. Trata-se do texto produtivo, do texto que ganha existência na medida em que o leitor é um produtor-tradutor de significações, de sensações, de sentidos, de conceitos, de vidas. Este termo nos chega pela participação no Programa Observatório da Educação (CAPES/INEP), com o projeto *Escreituras: um modo de ler-escrever em meio à vida*.

## 1.1 Escreituras

Dada a participação do grupo de pesquisa *Estudos de Filosofia e Formação* (EFF) no Projeto *Escreleituras* no período de 2011 a 2015, sob a coordenação da professora Sandra Mara Corazza (UFRGS), e com a participação das professoras Carla Gonçalves Rodrigues (UFPel) e Ester Maria Dreher Heuser (UNIOESTE), não há como deixar de se referir às conquistas teóricas e metodológicas que foram adquiridas ao longo deste período de pesquisa. As leituras, as escritas, os encontros, os debates, as produções, tudo isso foi sendo uma espécie de tessitura do que já havia no grupo de pesquisa que coordeno alinhado com os novos tecidos que foram sendo conhecidos.

Com o Projeto *Escreleituras*, aprendemos, eu e o grupo de pesquisa, a dar ao texto uma colocação que, mesmo com as leituras de Derrida, ainda não ocupava. Na verdade, até mesmo Derrida ganhou nova dimensão a partir deste Projeto, e com ele a produção do conhecimento acadêmico-científico. Sumariamente, importa destacar as conquistas que o grupo teve com a participação no projeto:

**Derrida lido com Haroldo de Campos.** Um Derrida analista de textos precisava chegar ao grupo. Não podíamos imaginar que Haroldo de Campos pudesse nos oferecer isso. Para sedimentar este jogo entre Derrida e Campos duas coletâneas foram fundamentais: *Da transcrição: poética e semiótica da operação tradutora*, publicado pela UFMG e *Transcrição*, publicado pela editora Perspectiva. Notamos logo de início que para pensar a transcrição era necessário operar a desconstrução dos textos, ao estilo derridiano. Isso colocava um limite, pois ao pensarmos em didática como prática por excelência, não era possível caminhar com Derrida, pois não se desconstrói uma prática. Assim, precisávamos de Nietzsche.

**Nietzsche ganha radicalidade epistemológica.** O Nietzsche que nos era conhecido era filósofo da suspeita. Além disso, seu principal projeto filosófico foi o de transvalorar todos os valores. A transvaloração dos valores continuava a nos importar; o gesto de ir além de todos os valores fazia sentido para quem queria transcriar. Mas aquele que pratica determinada prática precisava ser repensado. O humano em Nietzsche precisava de maior radicalidade. Para isso, foram fundamentais as leituras feitas a partir de Gérard Lebrun. Um sujeito dissolvido, deposto do lugar supostamente central, destituído de essencialidade, experimentado como corpo, tecidos, células, instintos, fluxos.

**Um certo triunfo do texto.** Com o Projeto *Escreleituras* vieram as Oficinas de Transcrição (OsT). E com elas, certo triunfo do texto. Não o texto da normalização, mas o da normatização, para usar uma expressão de George Canguilhem (2009). Criamos novas normas para a produção textual. Abrimos espaço para escritura de crianças, adolescentes, jovens e professores da educação básica. Junto com a escrita, sempre a leitura. O Projeto deu densidade prática a compreensão derridiana:

Se há uma unidade da leitura e da escritura, como hoje se pensa facilmente, se a leitura é a escritura, esta unidade não designa nem a confusão indiferenciada nem a identidade de todo repouso; o é que une a leitura à escritura deve descosê-las. Seria preciso, pois, num só gesto, mas desdobrado, ler e escrever (DERRIDA, 2005, p. 7).

**O cinema e a literatura.** Embora houvesse no grupo certa presença da literatura e do cinema, estes campos não compunham, efetivamente, modos de ler-escrever a filosofia e a educação. Isso veio com o Projeto, mas, mais do que o Projeto, com um impulso das produções de dissertações e teses do Grupo de Pesquisa *DIF artistagens, fabulações, variações* (coordenado por Sandra Mara Corazza). A cena francesa se mostrou com mais potência. E fizemos nossa tradução ao ambiente que nos é mais caloroso: o rock, Truman Capote, Quentin Tarantino, o *road movie*, os irmãos Cohen, os irmãos Wachowski (que se tornaram as irmãs Wachowski, Lilly e Andy), Pink Floyd, Oscar Wilde, Ed Wood, Edgar Allan Poe, Arthur Bispo do Rosário e outros.

Aqui, parece importante destacar a leitura que Rorty faz de Derrida. Para ele, Derrida

não quer fazer um simples movimento dentro do jogo de linguagem que distingue entre fantasia e argumentação, entre filosofia e literatura, entre escrita séria e escrita lúdica — o jogo de linguagem de *la grande époque*. Ele não jogará segundo as regras do vocabulário final de qualquer outro (RORTY, 1989, p. 133).

Ora, se não quer apenas adotar um estilo alheio, Derrida, a seu ver, pretende mais do que isso: dissolver as margens entre a filosofia e a literatura; em suas palavras: “penso que todos nós - derridianos e pragmatistas - deveríamos tentar exercitar a nossa profissão, conscientemente, diluindo a distinção literatura-filosofia e promovendo a ideia de uma esfumatura, um ‘texto geral’ indiferenciado” (RORTY, 1999, p. 143-144).

Não estou certo que Derrida aceitaria, plenamente, todas as consequências advindas dessa afirmação feita por Rorty, ao menos, foi isso que ele afirmou em um debate entre desconstrução e pragmatismo mediado por Simon Critchley:

Eu gostaria de insistir sobre isto porque é uma acusação recorrente, (...): jamais tentei confundir literatura e filosofia, ou reduzir a filosofia à literatura. Sou muito atento à diferença de espaço, de história, dos ritos históricos, da lógica, da retórica, protocolos e argumentação. Tento estar atento a esta distinção o máximo possível (DERRIDA, 1996, p. 81).

Contudo, manter a distinção não significa que ele venha a operar com estes textos de forma distinta, como se a filosofia ocupasse um lugar diferenciado da literatura em termos de operação de pensamento. Penso que é compatível com o conjunto da filosofia derridiana dissolver a fronteira entre filosofia e literatura como formas distintas de mover o pensamento, mas igualmente potentes, como estilos diferentes de pensar a cultura.

Desta forma, já se afirma desde o início deste texto que não encontramos razões para criar cisões nos dualismos típicos da história ocidental. Assim como Derrida deles se aproximou, penso que devem ser desconstruídos.

Uma forma de iniciar este processo de desconstrução é tomar estes textos como gestos de tradução transcriadora, ou seja, em um processo simultâneo, produzir a leitura e a escritura, sabendo que toda leitura é, de algum modo, tradutora e toda tradução é, fundamentalmente, transcriadora. Chamamos esse movimento de *escreleituras*.

Trago a experiência de três *escreleituras* feitas para este artigo que ensaiam o encontro de textos lidos por bolsista de Iniciação Científica do EFF. Com isso, quero dizer que a produção acadêmica se encontra na pluralidade de feições, de estilos, ou, para dizer com Nietzsche, de *pathos*, que dizem respeito às formas de se comunicar o pensamento, seja ele técnico-científico ou em prosa livre. Estamos convencidos, com Richard Rorty, que a filosofia é apenas mais um estilo da literatura.

São três textos de três homens, penetrados por três textos de três mulheres. Os homens são de temporalidades diferentes, escritos em circunstâncias diferentes. As mulheres são todas participantes do grupo de pesquisa, que tomam a palavra e com esporas (*éperons*) avançam em direção ao texto, incidem nas lacunas dos termos, tradeiam os parágrafos que lhes foram dados seguindo a tradição dos leitores de Nietzsche-Derrida.

## 1.2 Leitores e escritores

O exercício feito no contexto da produção deste artigo procura experimentar o encontro de linhas masculinas com linhas femininas, de autores conhecidos com pesquisadoras iniciantes. Que sentido faria trazer notícias do epistemólogo francês, com seu homem noturno e diurno, mesmo que disséssemos que era engenheiro frustrado? Ou de um certo americano, órfão de mãe, abandonado pelo pai, eternizado por uma publicação de 29 de janeiro de 1845 no *New York Evening Mirror* e pela leitura feita por Vicent Price? Ou do amado francês que morreu de câncer de pâncreas, que de acordo com a filha de Richard Rorty, o câncer que mata leitores de Heidegger?

Falar da Louise, Natany e Iris? Apresentar o *curriculum vitae* de cada uma?

Em que isso opera sentido, necessariamente, acadêmico?

O exercício proposto a elas foi o da produção de uma escritura que excede o sentido inicial do texto, que traduz o texto a seu modo, tomando, como mesa de escritura, suas vivências, pois, como afirma Nietzsche (*Ecce homo*, Por que escrevo livros tão bons, § 1): “ninguém pode ouvir nas coisas, inclusive nos livros, mais do que já sabe. Para aquilo a que não se tem acesso por vivência, não se tem ouvido”.

Esse é o exercício deste artigo.

### 1.2.1 Bachelard e uma escritora

A solidão aumenta se, sobre a mesa iluminada pela lâmpada, se expõe a solidão de uma página em branco. A página branca! esse grande deserto a ser atravessado, jamais atravessado. Essa página branca que continua branca a cada vigília, não é o grande sinal de uma solidão sem fim recomeçada? A solidão se obstina contra o solitário quando é aquela de um trabalhador que não somente quer se instruir, que não somente quer pensar, mas que quer escrever. Então a página branca é um nada, um doloroso nada, o nada da escrita.

Sim, se apenas se pudesse escrever! Depois, talvez se pudesse pensar. *Primum scribere, deinde philosophari*, [primeiro escrever, depois filosofar] diz uma tirada de Nietzsche. Mas se está só demais para escrever. A página branca é branca demais, inicialmente vazia demais para que se comece a existir realmente escrevendo. A página branca impõe silêncio. Ela contradiz a familiaridade da lâmpada. A "gravura" passa a ter, desde então, dois polos, o polo da lâmpada e o polo da página em branco. O trabalhador solitário está dividido entre esses dois polos. Um silêncio hostil reina então em minha "gravura". Mallarmé não vivia em uma "gravura" dividida quando evocou:

(...) a claridade deserta de uma lâmpada sobre o papel vazio que a brancura defende? (BACHELARD, 1989, p. 109).

Uma década inteira sem capacidade para formar uma única oração. Enunciado linguístico dotado de sentido. Dotado de verbo. Dotado de locução verbal. Verbo, esse, que há de vir de dentro, não? Acomodo-me na cadeira de frente para a escrivaninha jurando que, dessa vez, sairá algo além de frases soltas e ocas. Tento, recorto, rasgo, recordo. Nada. Praguejo. Apago. Peço, com os olhos fechados, pra que algo em alta velocidade me atinja a ponto de me derrubar dessa cadeira. Algo que me dilacere como uma turbina de avião destrói uma ave desorientada junto com todas as suas vísceras. Deve ser interessante, penso. Apreciar através de uma câmera lenta com alta resolução em foco todas as veias quase que na velocidade da luz sendo trituradas pelas hélices. Não há tempo nem para o barulho, a barreira do som se foi há muito tempo. Sem tempo pra piedade, lá se vai o funeral mais rápido do mundo. Saio do devaneio e volto pra escrivaninha. Até agora nada. Nenhum sinal de sentido, de verbo, de locuções. Vamos falar de verbo? Aquele que se fez carne hoje é assado em brasa quente. Aquele que forma uma oração, afirmaram que não passa do papel. Fica ali. Esse outro verbo não vai além do pai, que, por sinal, está morto também. Verbos órfãos que habitam em cada quartanato desde que o ser humano adquiriu a capacidade de pensar, de ponderar. De transmitir conhecimento, de traduzir. Praguejo novamente. Ainda não consegui formar nenhuma. Estou sentada aqui há horas e as únicas coisas que consigo juntar são vogais e vírgulas, sem consoantes. Abro a boca e deixo o ar passar, as cordas vocais sozinhas fazem o seu papel. Tente também. A vibração se propaga pelo ar e se perdem de vista, então não sei pra onde vão. Como quem se liberta do nada que havia antes de tudo, as minhas vogais estão livres agora. Como quem sai de dentro e vai pra frente. Como quem se transforma, como

uma ave triturada pelo liquidificador gigante. O rastro? O rastro fica no papel a minha frente. Fica como quem atesta que, ali, houve algo que respirou. Algo que viveu, que circulou. Que criou. E depois, no fim, não vai pra lugar nenhum. Não passa do obituário. Do papel obituário.

Amém.

Louise Gomes de Pinho

### 1.2.2 Poe e uma leitora

O antigo volume que eu havia apanhado denominava-se "Assembleia dos Loucos" e era de autoria de um Sir Launcelot Canning; porém, se eu o tinha declarado como um dos favoritos de Usher, era mais como uma brincadeira boba do que seriamente, porque, de fato, há muito pouca coisa em sua prolixidade grosseira e sem imaginação que pudesse despertar o interesse do idealismo altivo e espiritual de meu amigo. Todavia, era o único livro que se achava à mão; e eu acalentava uma vaga esperança de que a excitação que agora agitava aquele hipocondríaco poderia encontrar alívio (porque a literatura das perturbações mentais está cheia de anomalias semelhantes) na própria loucura extremada que o livro descrevia e que eu me propunha a ler. Se estivesse julgando corretamente, a partir do ar de vivacidade excessivamente tensa com que ele escutava, ou fingia escutar as palavras da narrativa, eu poderia muito bem ter me congratulado com o sucesso de meu artifício (POE, 2011, s/p).

O que esperava o amigo de Usher, sabendo que este tinha um medo irracional da morte, aquele desejo compulsivo obsessivo pelo morrer? Ou será que ele descobriu tal sina do amigo após a leitura? Ou nada disso importa.

Talvez acreditasse que aquelas palavras jogadas através do som de sua leitura pudessem de algum modo/forma aliviar as dores imagináveis de seu amigo. Não só pensou, mas como de fato o era, aquelas palavras narradas não causavam horror a Usher, pois as escutava excitadamente.

Talvez Usher sentia-se sozinho sempre. Sozinho, naquela desolada casa, mesmo que com a presença do amigo tudo o aterrorizava e o agonizava. Mas aquele livro, em que para seu amigo nada tinha de animador ou que poderia despertar o espírito de Usher a vida, porém, para ele, tinha tudo a comunicar (seu delirar).

Não sei do que se trata esse livro, mas sei que ele se animava com tudo aquilo. Será que ele estava a escutar os mortos, onde podia ver montanhas e beleza? Não o sei também, mas sei que havia ali um abraço, na morte, um desafio, fica-se completamente só.

Natany Martins de Jesus

### 1.2.3 Derrida e uma tradutora

Se ousar abordar esse tema diante de vocês é porque a própria falta de coragem, a renúncia precoce da qual falo e de onde parto, essa confissão de falência diante da tradução, foi sempre em mim a outra face de um amor ciumento e admirativo: paixão por aquilo que, endividando-se infinitamente com tradução, apela, ama, provoca e a desafia; admiração por aqueles e aquelas que considero os únicos a saber ler e escrever: as tradutoras e tradutores. Outra maneira de reconhecer um apelo à tradução, desde o limiar de toda leitura-escritura. Daí o infinito da privação, a dívida impagável. (...) Falar, ensinar, escrever (isso de que faço também profissão e que, no fundo, como muitos entre vocês aqui, comprometo-me corpo e alma, quase todo o tempo), sei que não tem sentido, a meus olhos, senão na prova da tradução, através de uma experiência que não distinguirei nunca de uma experimentação (DERRIDA, 2000, p. 14).

Eu confesso, padre. Confesso que pequei e falhei. Deixei-me levar, seu padre. Deixei-me levar e me arrisquei a sair da mera transposição de palavras, sempre mais e mais do mesmo, e por isso pequei. Pequei porque fugi da leitura e da escritura transformando-as numa só: a leitura-escritura - veja só, seu padre! E foi aí que tudo virou pó do intraduzível. Mas peço perdão, seu padre. Peço perdão e juro ser fiel ao texto. Dez Ave Maria e treze Pai Nosso, repetidos dez e treze vezes. Dez e treze vezes de mais do mesmo.

Iris Clemente de Oliveira Bellato

## **2. Margens: *dynamis* em três movimentos**

É preciso que se diga, inicialmente, com Derrida, que a margem se mantém “dentro e fora”. A lógica da simultaneidade não pode ser deixada de lado. O gesto que pensa afirmativamente seu contrário deve operar a todo momento. Por isso, o argumento do autor de *Margens da filosofia* será:

A filosofia também o diz: dentro, porque o discurso filosófico entende conhecer e controlar a sua margem, definir a linha, enquadrar a página, envolvê-la no seu volume. Fora, porque a margem, a sua margem, o seu fora, são fora: negativo com o qual não haveria nada a fazer, negativo sem efeito no texto ou negativo trabalhando ao serviço do sentido, margem superada *aufgehobene* na dialética do Livro. Nada se terá dito pois, em qualquer caso nada se terá feito ao declarar “contra” a filosofia ou “da” filosofia que a sua margem está dentro ou fora, dentro e fora, simultaneamente a desigualdade dos seus espaçamentos internos e a regularidade da sua orla (DERRIDA, 1991, p. 26).

Ora, um texto inscrito em margens possui características típicas, certamente não de forma, mas de como é concebido como produção, como gestão de criação.

Aqui, escrever e ler mantém-se em uma *dynamis* em três movimentos assim pensados: como a) estruturalidade, à medida que descentra a estrutura de um texto; b)

suplementaridade, pois coloca-o como excesso de sentido; c) iterabilidade, marcando o texto como acontecimento.

Assim, ler-escrever é um jogo da diferença porque é descentralizado à medida que escapa de uma autoria fixa, de um suposto autor identitário, cujo efeito duplo se encarrega de uma lógica suplementar, perigoso suplemento, pois excede os binarismos pretensamente naturais de modo a ser iterável, à medida que é desviante, portando a marca do acontecimento, da *différance*.

## 2.1 Estruturalidade

Há uma nova linguagem em operação desde os estudos de Ferdinand Saussure. Embora não seja uma filosofia, nem sua questão seja exatamente nova, Saussure golpeia um certo consenso de que a linguagem é tão somente instrumento de que cada pessoa se vale para exprimir seus pensamentos. "A linguagem é o lugar onde essas ideias emergem sem que alguma vez deixem de ficar ligadas a esse ponto de origem" (COELHO, 1967, p. X). Saussure fará isso com a ideia de signo linguístico, que nada mais é do que a associação de uma imagem sonora, chamada de significante, e o conceito, o significado. Não havendo relação necessária entre ambos, Saussure introduz um terceiro elemento a esta estrutura: o objeto, vindo da realidade. Temos, então, esta estrutura clássica: significante/significado/coisa.

Derrida se colocará crítico a este modelo formulado pelo estruturalismo. Inicialmente, pela primazia dada à imagem sonora, mesmo que seja ela combinada com sua correlação escrita. O problema para Derrida é a força que a ciência ocidental tem dado às estruturas fonéticas, o que ele demonstra com conceitos como *différance*, *otobiographies* cuja imagem sonora mantém-se ambígua.

Em segundo lugar, o problema é o estabelecimento desta estrutura como ponto de origem, outro entrave para Derrida, pois que para ele este ponto original é sempre indeterminado, ou ainda, um signo que sempre remete-se a outro signo de numa cadeia suplementar. Portanto, por um princípio de suplementaridade e pela impossibilidade da determinação de uma origem, Derrida não acompanharia o estruturalismo em todas as suas consequências.

Contudo, Derrida (2009, p. 407) irá admitir uma espécie de estrutura da estrutura do texto, própria do jogo de ler-escrever; a chamará de "estruturalidade da estrutura", que "embora tenha sempre estado em ação, sempre se viu neutralizada, reduzida: por um gesto que consistia em dar-lhe um centro, em relacioná-la a um ponto de presença, a uma origem fixa".

Como foi dito, a ideia de um centro torna esta estrutura fixa, encerrando o movimento do jogo, que é a condição de possibilidade da criação de sentido.

Para Derrida (2009, p. 408), no centro da estrutura, "é proibida a permuta ou a transformação dos elementos". Assim, a estrutura, como *episteme* ocidental, deve ser posta em questão com vistas a lhe dar a dinamicidade que o discurso metafísico não garantiu. Esta estrutura clássica, ainda presente nas conquistas estruturalistas, são constituídas a partir de uma "imobilidade fundadora e de uma certeza tranquilizadora". Ao estilo de Heráclito (DK 53), para quem o pai de todas as coisas é a guerra, e de Nietzsche (*A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos*, § 5) para quem a "luta que é própria de todo o devir", Derrida investe na concepção de uma estrutura sem centro, não fixa, em movimento, ou uma estruturalidade da estrutura que opera como jogo, pois entende que o jogo é sempre jogo de ausência e presença. É esta estruturalidade da estrutura, com seus elementos articulados, pois não-fixos, que "possibilita pensar a problemática da polissemia e da interpretação" (SANTIAGO, 1976, p. 36). Assim, a estruturalidade da estrutura de um texto convoca o pensamento da absoluta mobilidade, pois não lhe dá um centro fixo.

## 2.2 Suplementaridade

O conceito de suplemento é encontrado em toda a obra de Jacques Derrida, mas é trabalhado com mais profundidade em alguns momentos: no livro *Gramatologia*, na *Farmácia de Platão* (que é uma parte de *Dissemination*) e em *Margens da filosofia* (principalmente no capítulo *O suplemento de cópula*).

Em termos gerais, o suplemento é um além da adição. Quando entra em operação o jogo do significante/significado, o suplemento fornece a falta que o significado requer para lhe dar sentido, mas sabendo que esta força de fornecimento de sentido é sempre em excesso, produz, assim, novos sentidos para além do sentido original. Nas palavras de Derrida (1973, p. 177) o suplemento "é um excesso, uma plenitude enriquecendo outra plenitude, a culminação da presença. Ele cumula e acumula a presença".

Isso ocorre, como visto anteriormente, pela ausência de centro; esta ausência cria um jogo dinâmico entre significante e significado que tende à produção do excesso de sentido. Talvez seja esse o maior desafio da cultura ocidental: pensar o deslocamento de um centro, como ele afirma: "o europeu tem o defeito de não se deslocar, de se considerar o centro imóvel da terra, de ficar plantado como uma árvore em sua região" (DERRIDA, 1973, p. 272). Mais do que um eurocentrismo, essa condição de constituição do ocidente encontra o sentido a partir de um centro; ante a ausência de um centro, ou um centro em movimento, em disseminação. A experiência vertiginosa não lhe permite fundar possibilidades epistêmicas.

Junto a essa noção de centro regulador e normatizador, o texto - e, portanto o gesto de ler- escrever - carece da noção de identidade, uma vez que sua autoria é presumida como única.

Essa presunção de uma autoria fixa é vista claramente em estudos acadêmicos que tomam a biografia de autores de modo a procurar relações entre o momento da vida e o momento da obra, imaginando que o texto é uma expressão escrita dos dramas psicológicos vividos por seu autor. Essa correlação causal e mecânica entre vida e obra é um exemplo de como se pensa a autoria a partir de um princípio de identidade. Nietzsche, (*Além do bem e do mal*, § 6) acerca da filosofia, disse: “Gradualmente foi se revelando para mim o que toda grande filosofia foi até o momento: a confissão pessoal de seu autor”; e poderíamos pensar que o autor de Zaratustra concordaria com esta tradição ocidental que dá à autoria uma identidade se não completasse a sentença: “uma espécie de memórias involuntárias e inadvertidas”. Essas memórias inadvertidas, involuntárias, sem controle, que ocupam as entrelinhas dos textos operam na lógica suplementar que trata Derrida.

Nessa perspectiva, a lógica da suplementaridade golpeia a noção de uma identidade ou de uma oposição binária que funcione simetricamente. Há uma disseminação de sentidos. Quando examina a noção de escrita em Rousseau, Derrida (1973, p. 184) diz que ela constitui um “perigoso suplemento”, pois ameaça tomar o lugar “natural” do discurso, da palavra viva. A escrita não é um apêndice ou um extra, mas uma adição crucial que denuncia o déficit da fala. “Escrever, então, não é meramente um apêndice dispensável, mas torna-se, ao invés, suplemento indispensável sem a qual o discurso não poderia constituir-se em primeiro lugar” (WORTHAM, 2010, p. 203).

Esse perigoso suplemento, que excede em sentido o texto, carrega as entrelinhas da escritura de autores que, pretensamente, falam em seu nome, em um nome, em um nome próprio.

### 2.3 Iterabilidade

Inicialmente, Hilda Hilst, em suas *Cartas de um sedutor*, Novos antropofágicos VIII.

Há dez anos ele tentava escrever o primeiro verso de um poema.  
Era perfeccionista. Aos 30, anteontem madrugada, gritou para a mulher: consegui, Jandira! Consegui!

Ela (sentando-se na cama, desgrenhada) O quê? O emprego?

Ele Claro que o verso, tolinha, olha o brilho do meu olho, olha!

Ela (bocejando) Então diz, benzinho.

Declamou pausado o primeiro verso: “Igual ao fruto ajustado ao seu redondo...” Jandira interrompendo: peraí... redondo? Mas nem todo o fruto é redondo...

Ele - São metáforas, amor

Ela - Metáforas?!?!

Ele - É... E há também anacolutos, zeugmas, aféreses.

Ela - ?!?!? Mas onde é que fica a banana?

Ele enforcou-se manhãzinha na mangueira. O bilhete grudado no peito dizia: a manga também não é redonda, o mamão também não, a jaca muito menos; e você é idiota, Jandira. Tchau.

Ela (tristinha depois de ler o bilhete) E a pera, benzinho? E a pera então que ninguém sabe o que é? E a carambola!!! E a carambola, amor!  
Eu - Ele está morto, amor.

Em um documentário de 2002, dirigido por Kirby Dick e Amy Ziering, intitulado *Derrida*, o autor de *Gramatologia* diz que muito embora publicar signifique, de certa forma, aparecer, "escrever é se retirar".

Eu - Tchau.

*Morte do autor*, ensaio de Barthes que se torna quase um clichê; ele está morto, idiota; amor está morto.

Seja remetente, seja destinatário, seja aquele que escreve ou o que lê, "uma escrita que não seja estruturalmente legível - iterável para além da morte do destinatário não seria uma escrita" (DERRIDA, 1991a, p. 19). Toda escritura sobrevive ao seu autor. Toda escritura sobrevive ao seu pretense leitor original. A isso Derrida chamará da força de iterabilidade de um texto.

A palavra iterabilidade combina o "iter" latino (novamente) com o sânscrito "itara" (outros). A simultaneidade de novamente-outro remete-nos à ideia de que cada texto, assim como cada marca ou evento, é único. Mas, como se sabe, esse caráter de originalidade deve escapar à noção de origem, como fonte primeira, pois tudo se dá por outra vez. Ao mesmo tempo, cabe, somente, ao caráter singular deste texto, ou evento, sua reprodução. Mas, inevitavelmente, a cada repetição surge o outro. Logo, fugindo da lógica da adição, a iterabilidade implica uma lógica da complementaridade, pois a repetição torna-se condição de possibilidade do surgimento do novo. Como nos diz Wortham (2010, p. 78):

Para Derrida, a escrita em geral é sempre iterável, uma vez que, em sua própria legibilidade, ela sempre chama a um "outro" além daqueles empiricamente presentes no local da inscrição ou da leitura. Um sempre não-presente restante permanece, assim, irreduzivelmente em meio às condições estruturais da escrita, que, portanto, permanecem vinculados à inapropriação do por vir.

A potência de leitura da escritura toma o autor-morto como figura ausente, cuja assinatura — marca da presença-ausência de um autor — dá ao texto sua iterabilidade. Todo texto é legível. De certa forma, todo texto é bem-sucedido.

### **3. Indecidíveis: em direção a algumas considerações**

Este texto foi escrito tendo no horizonte um conjunto de questões e de convicções que ofereceram elementos para o debate que aqui foi feito.

O ponto disparador foi o binômio ler-escrever, algo próprio do espaço acadêmico, tarefa de pesquisadores e pesquisadoras. Como já foi citado anteriormente, Derrida expressava sua "admiração por aqueles e aquelas que considero os únicos a saber ler e escrever: as tradutoras e tradutores". Na linguagem derridiana, pesquisadores são tradutores, se querem bem ler-escrever.

Dever de ofício? Prática de lavratura?

Como lidamos com os autores, e quando digo autores acabo por dizer seus livros, e acolhemos os tomos como peças anátomo-funcionais de nossos autores prediletos; cadáveres que se tornam volumes; a carne que se faz verbo, como uma espécie de filho de Deus pelas costas. E apreciamos os livros como se fossem a vida do próprio autor, autor-morto em vontade de potência.

Não creio que seja possível decidir de forma conclusiva, não para leitores de Nietzsche e Derrida. Essas questões, talvez tenham que ser pensadas em termos de indecidíveis, como na inscrição derridiana:

"Indecidíveis", isto é, unidades de simulacro, "falsas" propriedades verbais, nominais ou semânticas, que não se deixam mais compreender na oposição filosófica (binária) e que, entretanto, habitam-na, opõe-lhe resistência, desorganizam-na, mas, sem nunca constituir um terceiro termo, sem nunca dar lugar a uma solução na forma da dialética especulativa (o *pharmakon* não é nem o remédio nem o veneno, nem o bem nem o mal, nem o dentro nem o fora, nem a fala nem a escrita) (DERRIDA, 2001, p. 49).

A noção de indecidível em Derrida nos é apresentada por analogia às oposições entre termos de valores contrários, ou não, nos quais os significados não ultrapassam os limites habituais. Contudo, o que lhe é relativo não nos é apresentado por meio de sentidos ou de intuição. Em virtude da ausência do que lhe é relativo, gravamos de maneira contrária ao que sempre nos remetemos, portanto, os termos estão dispostos juntos e distintos ao mesmo tempo, sem criar um terceiro termo.

Seguem, portanto, três funções que operam no registro da indecidibilidade: *diferir*, *f(l)avor*, *mochlos*. Como todos os indecidíveis, oferecem a resistência de soluções pacificadoras; como *phármakon*, são remédio e veneno.

### 3.1 Diferir

Uma pessoa sentada em um banco de uma praça. É 3 de dezembro de 1995, domingo. O jornal é a Folha de São Paulo. Detém-se no artigo sob o título *Terei de errar só*, e vê na chamada que, no texto, Derrida evoca lembrança de Gilles Deleuze, que havia morrido em 4 de novembro, a menos de um mês.

Outra pessoa, há alguns metros da praça, entra em uma livraria especializada em livros franceses. Recebe sua encomenda: *Le Parjure* (1964), de Henri Thomas, de uma nova edição publicada em 12 de maio de 1995. Sobre esse livro, Paul de Man disse a Derrida: "se quiser conhecer minha vida, leia o romance de Henri Thomas, *Le Parjure*". Derrida leu e ficou abaladíssimo, reverberando profundamente em si.

Seis meses depois, estudantes recebem uma revista acadêmica de sua universidade, que acaba de sair. Nela se encontra publicado o texto do jornal de dezembro, o mesmo texto.

Em que diferem essas ações de leitura? Antes, o conceito de *diferir* em Derrida.

Em duas palavras, *diferir* é temporalização e espaçamento. Como isso se dá? Como temporalização: "é recorrer, consciente ou inconscientemente, à mediação temporal e temporizada de um desvio que suspende a consumação e a satisfação do "desejo" ou da "vontade", realizando-o de fato de um modo que lhe anula ou modera o efeito" (DERRIDA, 1991b, p. 39); como espaçamento: "não ser idêntico, ser outro, discernível (...) em questão a alteridade de dissemelhança, (...) é sem dúvida necessário que entre os elementos outros se produzam, ativamente, dinamicamente, e com uma certa perseverança na repetição, intervalo, distância" (idem). Portanto, *diferir* carrega esse duplo sentido de temporalização e espaçamento, ou seja, de um desvio que suspende a realização de algo e produza, ativamente, a distância de um ponto de origem. *Diferir* é gesto de produzir o outro pela repetição, como temporalização, como espaçamento.

Ora, aqui nos parece que o meio nos interessa muito menos. Escrever é sempre um gesto produtivo de *diferir*. Tomar o ler ou escrever a partir do meio de divulgação, ou a partir de uma pretensa posição de emissor, terá como risco sustentar tais atos em solo metafísico, pois estabelece para eles uma origem e, conseqüentemente, um destino previsto. A temporalização comporta desvios, do gesto de escrever e ler, do escritor e do leitor; o espaçamento cria a dessemelhança dinamicamente entre estas produções, da leitura e da escritura. Podemos então seguir Derrida quando afirma:

O que vale para o destinatário vale também, pelas mesmas razões, para o emissor ou para o produtor. Escrever é produzir uma marca que constituirá uma espécie de máquina por sua vez produtiva, que a minha desaparecimento futura não impedirá de funcionar e de dar, de se dar a ler e a reescrever (1991b, p. 357).

Ler e escrever são produções da *différance*.

### 3.2 F(I)avor

Remeto-me a dois trechos de Nietzsche. De *Ecce homo*, transcrevo a longa primeira parte da § 8 de "Por que sou tão inteligente":

Em tudo isso - na escolha da alimentação, de lugar e clima, de distração - reina um instinto de autoconservação que se expressa

da maneira mais inequívoca como instinto de autodefesa. Não ver muitas coisas, não as ouvir, não deixar que se acerquem - primeira prudência, primeira prova de que não se é um acaso, mas uma necessidade. A palavra corrente para esse instinto de autodefesa é gosto.

O instinto de autodefesa recebe o nome de gosto; *gosto* é o nome dado ao instinto que lhe preserva em sua tarefa de tornar-se o que se é. Do mesmo modo ele diz em *Além do bem e mal*: "É preciso livrar-se do mau gosto de querer estar de acordo com muitos" (§ 43). A adoção da perspectiva do rebanho, vista como mau gosto, afeta-lhe, certamente, seu sistema de autodefesa, afeta-lhe seu *gosto*.

Adentrar a indagação sobre o gosto tenta responder a uma das provocações feitas a este dossiê: "Escrevemos para tornar nosso mundo mais prazeroso, mais inteligível ou escrevemos para dar conta de um prontuário, para diagnosticar sintomas e problemas?". Ou, escrevemos para nosso gosto, ou a contragosto? Ou fazemos dos diagnósticos, das análises nosso gosto? Ou se torna nosso gosto, o apreço da analítica "de acordo com muitos"?

Sob o risco de certo exagero, penso ser necessário explorar as letras da palavra gosto em inglês, pois nela tenho o registro gráfico preciso para apresentar minha resposta a essa questão.

A palavra inglesa *flavor*, que significa gosto, sabor, aroma, também traz outra conotação; indica o caráter essencial de algo. Além deste significado, como o caráter, o gosto, o tom, a palavra inglesa registra a curiosa coincidência (de uma escolha proposital) de *favor* e *lavor* (na língua portuguesa), o que me leva a indagar: escrevemos a nosso favor, ou como nosso lavor? Torna-se a escrita favorável a nós ou como uma espécie de lavratura? É favor ou lavor?

Pela coerência que foi impressa desde o início, já se supõe que estamos em uma região de margem, que exige de nós pensar por suplemento; assim, é favor e lavor; nem favor ou lavor. Não são duas faces da mesma moeda, é certo, mas operam como forças suplementares.

Recorro ao campo mítico-etimológico para auxiliar nessa tarefa.

Lavor, palavra datado do século XIII, traz a conotação de qualquer ocupação manual, mas também esforço mental ou intelectual. Vem do latim *lāboro* que significa trabalho, esforço, sofrimento, dor, fadiga. O correlato grego ao termo latino é *pónos*. Na mitologia grega, *Pónos* é filha de Éris, deusa da discórdia (gerada entre as forças primordiais pela *Noite* (filha do *Caos*). Logo, o labor está associado a este movimento de filiação caótica impulsionado pelo trabalho e fadiga.

Favor, palavra datada do século XIV, remete-nos à ideia daquilo que se faz por graça, por obséquio, por boa vontade, por bem-aventurança. Na mitologia grega seu correlato é a *Volúpia*, filha do enlace de *Eros* com *Psiqué*. Se na linguagem comum volúpia diz da

sensualidade, na linguagem dos deuses algo muito superior é dito: uma dimensão contundente da força do feminino, como diz Brandão (1987, p. 250) "Talvez, 'na linguagem dos deuses', essa criança divina tenha recebido simplesmente o nome de *mulher*".

O risco que corremos é o de olhar tais figurações míticas com olhos da cultura cristã, o que seria sinônimo de impormos a esses traços míticos valores de uma moral que lhes era estranha. Assim, nos alerta Nietzsche em *O nascimento da tragédia* (§ 5): "A moral não seria uma 'vontade de negação da vida', um instinto secreto de aniquilamento, um princípio de decadência, apequenamento, difamação, um começo do fim?".

Se não forem vistos como instintos a serviço dos valores cristãos, a escrita acadêmica, como labor e favor inscreve-se nesse duplo dor e conquista; sem razões para pensar que é uma dor que vale a pena, pois não vale; sem, tampouco, razões para pensar que a conquista apaga toda luta, pois não o faz: é dessa ordem ambígua que se assume a escrita acadêmica.

### 3.3 Mochlos

Em 1980, Derrida recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque. Isso ocorreu por ocasião do centenário de fundação da Graduate School daquela universidade. Lá estando, proferiu a conferência *Mochlos ou o conflito das faculdades*; tomada aqui como estratégia, a desconstrução do texto de Kant *O conflito das faculdades*, publicado em 1798, quase 200 antes.

Neste texto, Kant examina o que denomina de *conflito* das chamadas faculdades superiores, Teologia, Direito e Medicina, em relação à Filosofia. O que coloca o filósofo em um triplo movimento de conflito teológico, jurista e médico necessário à conquista da autonomia intelectual. Essa responsabilidade do filósofo diante da tradição positiva, religiosa e jurídica servirá para Derrida como ponto de partida para sua apresentação. Chegarei a ela logo mais.

Parece inundar, ainda nosso imaginário a figura do universitário sedentário, que medita longamente em seu estúdio, onde lê e escreve seus pensamentos e pesquisas. O mesmo tom acético que carrega esta cena leva ao texto o tom asséptico típico da universidade: imóvel, incontaminado, distante, racional. Algo que, certamente, teria concordância de Flaubert: "Não se pode pensar e escrever senão sentado" (MAUPASSANT, 1884, iii). Ao que Nietzsche responderá no seu *Crepúsculo dos ídolos*: "Com isso te pego, niilista! A vida sedentária é justamente o *pecado* contra o santo espírito. Apenas os pensamentos *andados* têm valor" (§34).

O texto *Mochlos* investe na ideia de universidade defendida por Kant e por Derrida. Aqui, meu investimento será na noção de *conflito*, termo que Kant usa para descrever o que ocorre entre as áreas da universidade. E ao lado do conflito, Derrida associa o termo

grego *mochlos*. E aqui, tomo a indagação: como convivem as dissertações e teses com a leitura e a escrita?

E uma primeira resposta que daria a este convívio seria: "Não sem conflito, não sem contradição, mas, talvez, justamente graças ao conflito, e ao ritmo de suas contradições" (DERRIDA, 1999, p. 84). Desconheço um momento em que a leitura e a escrita tenham sido produzidas fora de uma experiência de conflito. Desde os mais ordinários (vão me entender? responderei às expectativas dos interessados?) até os mais subjetivos (não consigo exprimir o que penso!). Mas, igualmente, não é disso que se trata aqui.

O problema, novamente, apenas citado, mas pouco desenvolvido por Derrida nesta conferência, é a responsabilidade que cada texto, cada elemento do *corpus* reproduz ou lega consoante às regras da instituição, e são essas regras que definem o modo como leem e escrevem sobre seja qual for seu objeto. O que está em questão é uma forma institucional que é assumida por todo leitor e escritor.

De que forma pensar este binômio? De forma dialética, certamente não. Se assim fosse, colocaríamos os gestos da leitura e escrita em um campo de produção de sentido ao estilo de Bakhtin, por exemplo, para quem a enunciação é produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados, considerando as condições em que se organizam, neste caso, na universidade, situada socialmente.

Digo certamente não por coerência teórico-conceitual com a filosofia desconstrucionista de Jacques Derrida. Derrida diz, em *Mochlos*, que a desconstrução não se separa dos problemas político-institucionais. Mas o faz a seu modo.

Para Derrida, o que está em questão, neste binômio, é sempre um jogo, e como tal, ele opera sempre como possibilidade de desconstrução de um significado transcendental. Não há o leitor e o escritor, da tese ou dissertação: são contratos, imagens construídas, invenções, transformações, ameaças, interpretações. Uma tomada político-institucional seria *Mochlos*, ou seja, para Derrida haveria alavancas de deslocamentos que romperiam com modelos pretensamente simétricos colocados pela academia. Essa alavanca de força (*mochlos*) deslocaria as aporias da posição de insolúveis (ou, ou) para uma lógica suplementar (e, também), para um diferencial de força.

(...) trata-se sempre da força diferencial, da diferença como diferença de força, da força como *différance* ou força de *différance* (a *différance* é uma força diferida-diferente); trata-se sempre da relação entre a força e a forma, entre a força e a significação; trata-se sempre de força "performativa", força ilocucionária ou perlocutória, força persuasiva e de retórica, de afirmação da assinatura, mas também e sobretudo de todas as situações paradoxais em que a maior força e a maior fraqueza permutam-se estranhamente (DERRIDA, 2010, p. 11).

Neste campo de forças, pode-se, talvez, lidar com os binarismos próprios do campo acadêmico deslocando-os para acordos, que não expressam soluções, mas posições político-institucionais que reconhecem as forças diferenciais e suas aporias.

#### 4. **Querer-dizer: uma palavra final**

O que se *quer-dizer* com tudo isso?

Será essa uma expressão hermenêutica? Chegara o momento em que todas as explicações são dadas? O que se quer quando se *quer-dizer*?

O gato bocejou, o que fez seus olhos verdes brilharem. Coraline perguntou: - Sabe onde mamãe e papai estão? O gato piscou o olho lentamente para ela. - Isso quer dizer sim? (GAIMAN, 2003, s/p).

Esta experiência comum crê na possibilidade de uma transferência de um signo a um significado: o olho que pisca lentamente *quer-dizer* algo. Haveríamos de indagar a razão do silêncio do gato? Por que não disse, simplesmente, sim? Ele não vocaliza, na lenda de Gaiman, os sons humanos; mas os entende e reage a eles, com o piscar de olhos lento, querendo dizer algo.

Este texto *quer-dizer* algo? Tem alguma mensagem? Uma lição moral? Uma aprendizagem?

Lembro-me de Ulisses em conversa com Lóri:

- Você ainda não se habituou a viver? perguntou Ulisses com intensa curiosidade.
  - Não.
  - Então é perfeito. Você é a verdadeira mulher para mim. Porque na minha aprendizagem falta alguém que me diga o óbvio com um ar tão extraordinário. O óbvio, Lóri, é a verdade mais difícil de se enxergar - e para não tornar grave a conversa acrescentou sorrindo.
  - Já Sherlock Holmes sabia disso.
  - Mas é triste só enxergar o óbvio como eu e achá-lo estranho. É tão estranho. De repente é como se eu abrisse minha mão fechada e dentro descobrisse uma pedra: um diamante irregular em estado bruto. Oh Deus, eu já nem sei mais o que estou dizendo.
- Ficaram em silêncio (LISPECTOR, 2013, s/p).

Husserl, em suas *Investigações lógicas*, afirma que "todo signo é signo de algo, porém nem todo signo tem uma significação, um 'sentido' que é 'expresso' pelo signo" (HUSSERL, 2001, p. 183). Em alemão, *sentido é bedeuten*; Derrida irá traduzir este termo por *vouloir-dire*: em português, *querer-dizer*. Signos, então, são expressões; Derrida entenderá que toda "ex-pressão é exteriorização", ou seja, como um "fora"; com isso, a expressão como signo querendo-dizer é "uma dupla saída fora de si do sentido" (DERRIDA, 1994, p. 40); e, certamente, sem um sentido dado em sua natureza

semântica, mas sim, atribuído, como um fora.

Este texto investiu em uma unidade conceitual como operação de leitura-escrita, tomada de Corazza (2008, p. 21-47) como *escreitura*; o exercício realizado pelas pesquisadoras, que foi trazido neste artigo, visam uma oferta de sentido aos textos tomados como ponto de partida, textos dispostos a serem traduzidos em ato de leitura-escrita, traduzidos em *escreituras*. O artigo argumenta que a abertura que sustenta conceitualmente o duplo leitura-escrita é o jogo de margens dinamizado em estruturalidade, ou seja, uma estrutura sem centro, sem origem, sem apoio, móvel e disponível à disseminação de sentidos; complementaridade como o remetimento de um signo ao outro, como crítica à noção de complementação de sentido, contra a ideia de uma identidade textual; e iterabilidade à medida que um texto é sempre o nascimento do novo, assim como sua leitura, fazendo com que a *escreitura* seja esse gesto de criação, que se dá sempre pela segunda vez.

A produção deste gesto criativo lida com indecidíveis: como máquina produtiva um texto é sempre *différance*, sem identidade ou centro, que desconhece meio ou natureza. Seu estilo, em seu *f(l)avor*, por estilo e por gosto, lida com a ambiguidade de toda produção, com a simultaneidade dos instintos que operam em multiplicidade, considerando os conflitos presentes nos espaços de produção e criação, encontrando suas alavancas de propulsão, como impulsos que dão movimento ao ler-escrever.

## Referências

- BACHELARD, Gaston. *A Chama de uma Vela*. (Trad. Glória de Carvalho Lins). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*. Petrópolis: Vozes, 1987, v.2.
- CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. (Trad. Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas; rev. Manoel Barros da Motta; trad. do posfácio de Pierre Macherey e da apresentação de Louis Althusser, Luiz Otávio Ferreira Barreto Leite) Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- COELHO, Eduardo Prado. Introdução a um pensamento cruel: estruturas, estruturalidade e estruturalismos. In: Eduardo Prado Coelho (org.) *Estruturalismo*. Antologia de textos teóricos. São Paulo: Martins Fontes, 1967.
- CORAZZA, Sandra Mara. *Os cantos de fouror: escreitura em filosofia-educação*. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. (Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho). São Paulo: Perspectiva, 2009.
- DERRIDA, Jacques. *A farmácia de Platão* (Trad. Rogério da Costa). São Paulo: Iluminuras, 2005.

- DERRIDA, Jacques. *A voz e o fenômeno: introdução ao problema do signo na fenomenologia de Husserl* (Trad. Lucy Magalhães). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.
- DERRIDA, Jacques. *Força de lei: o fundamento místico da autoridade*. (Trad. Leyla Perrone-Moisés) São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. (Trad. Miriam Schnaiderman e Renato Janine Ribeiro) São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DERRIDA, Jacques. *Limited inc.* (Trad. Constança Marcondes Cesar) Campinas: Papyrus, 1991a.
- DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia* (Trad. Joaquim Torres Costa, Antônio M. Magalhães; rev. Téc. Constança Marcondes César) Campinas: Papyrus, 1991b.
- DERRIDA, Jacques. *O olho da universidade*. (Trad. Ricardo Iuri Canko e Ignácio Antonio Neis) São Paulo: Estação liberdade, 1999.
- DERRIDA, Jacques. *O que é uma tradução relevante?* (Trad. Olivia Niemeyer Santos), Alfa, São Paulo, v.44 (n.esp), p. 13-44, 2000.
- DERRIDA, Jacques. *Posições*. (Trad. de Tomaz Tadeu da Silva). Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- DERRIDA, Jacques. Remarks on Deconstruction and Pragmatism (Trans by Simon Critchley); in Chantal Mouffe. *Deconstruction and Pragmatism*. London and New York: Routledge, 1996.
- GAIMAN, Neil. *Coraline*. (Trad. Regina de Barros Carvalho) Rio de Janeiro: Rocco, 2003. e-Book.
- HUSSERL, Edmund. *Logical Investigations*. v.I. (Trad. J. N. Findlay). London and New York: Routledge, 2001.
- LISPECTOR, Clarice. *Uma aprendizagem, ou, O livro dos prazeres*. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2013. e-Book.
- MAUDISSANT, Guy. Etude. In: *Lettres de Gustave Flaubert a George Sand*. Paris: G. Charpentier et Cie. Éditeurs, 1884. Disponível em <<https://archive.org/stream/lettresdegustav01maupgoog#page/n7/mode/2up>>.
- NASCIMENTO, Evando Batista. *Derrida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2004.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Filosofia na Idade Trágica dos Gregos* (Trad. Maria Inês Madeira de Andrade). Lisboa: Edições 70, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro* (Trad. Paulo César de Souza) São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. (Trad., notas e pos. Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- POE, Edgar Allan. A queda da Casa de Usher. In: *A Carta Roubada: e outras Histórias de Crime e Mistério*. (Trad. William Lagos) Porto Alegre: L&PM, 2011. eBook.

RILKE, Rainer Maria. *Cartas a um jovem poeta* (Trad. Pedro Süssekind). Porto Alegre: L&PM, 2009. eBook.

RORTY, Richard. *Contingency, irony, and solidarity*. Cambridge, New York, Melbourne: Cambridge University Press, 1989.

RORTY, Richard. *Ensaaios sobre Heidegger e outros* (Trad. Eugenia Antunes). Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

SANTIAGO, Silvano. *Glossário de Derrida*; trabalho realizado pelo Departamento de Letras da PUC/RJ, supervisão geral de Silvano Santiago. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

WORTHAM, Simon Morgan. *The Derrida dictionary*. London, New York: Continuum International Publishing Group, 2010.

---

<sup>i</sup> É doutor em Educação pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor Associado da Universidade Federal de Mato Grosso atendendo aos Cursos de Psicologia, Pedagogia e Filosofia. É professor do Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Instituto de Ciências Humanas e Sociais, ambos da UFMT. É líder do grupo Estudos de Filosofia e Formação (EFF), da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Suas publicações tratam, principalmente, dos seguintes temas: filosofia da educação, filosofia da diferença, formação de professores. Atualmente, é Diretor do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso.

Este texto contou com a colaboração de pessoas que devem ser mencionados: Iris Clemente de Oliveira Bellato, Louise Gomes de Pinho, Márcia Helena de Moraes Souza, Natany Martins de Jesus, Polyana Olini, Roberta Mello Leal Pimentel, Sandra Stockli Arantes, Vinícius Borges Piovesan.

Enviado em: 30 de maio de 2016.

Aprovado em: 01 de agosto de 2016.